

Por que as crianças escrevem errado?

Maria Paula Vieira Peres
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

Você sabia que “caza”, “tataruga”, “abraso” ou “corida” são erros ortográficos muito comuns em textos produzidos por crianças em fase inicial de alfabetização? Esses erros cometidos estão longe de ser considerados aleatórios e, para cada um deles, existe um motivo e uma explicação. Antes de tentar obter qualquer compreensão do porquê os erros acontecem, é necessário saber algumas coisas que fazem nossa ortografia funcionar corretamente.

Nossa ortografia é alfabética e, principalmente, fonêmica. Ela busca representar os chamados fonemas, que são definidos como a menor unidade distintiva da língua. Isso quer dizer que, se um fonema é trocado por outro, ele acaba alterando o sentido inteiro de uma palavra. Como exemplo, posso citar as palavras “faca” e “vaca”, pois a única coisa que se altera entre essas palavras são os fonemas /f/ e /v/. Portanto, se esses segmentos são capazes de alterar o sentido das palavras em questão, significa que são fonemas.

Como já foi citado, a escrita busca representar o que é distintivo na língua. Por exemplo, a palavra “teatro” contém dois “t”, que, no sotaque de Minas Gerais, são pronunciados de maneiras completamente diferentes: o primeiro é articulado de maneira que parece um som chiado, enquanto o segundo é pronunciado com a língua no céu da boca, resultando em um som mais “seco”. Essa variação de pronúncia é uma característica da linguagem falada e suas variantes, sendo neutralizada pela motivação fonêmica da ortografia, que se baseia nos fonemas como unidades mínimas funcionais, e não nos sons específicos. Se a escrita fosse representar todos os sons que produzimos na fala, levaria muito tempo para aprendermos o alfabeto, quem dirá a ortografia. Então, é por isso que a motivação fonêmica desempenha esse papel unificador.

Já a motivação fonética explica um fenômeno muito conhecido, aquele da letra *m* antes de *p* e *b*. No início da alfabetização, a criança aprende que “planta”, “conto” e “vento” se escrevem com a letra *n*, mas “limpo”, “sombra” e “tempo” se escrevem com a letra *m*. Os fonemas /m/, /p/ e /b/ são pronunciados quase da mesma maneira, isto é, os dois lábios se encontram no momento em que eles são pronunciados e isso acaba influenciando na escrita. A representação ortográfica, conseqüentemente, é apenas foneticamente motivada, porque, se a pronúncia nasal de “limpo” não for feita de maneira com que os lábios se encostem totalmente, o sentido da palavra não será alterado.

Por último, mas não menos importante, temos a motivação diacrônica. Ela pode ser definida como um processo de retrospectão, onde a palavra será analisada de uma maneira histórica para que se possa fazer uma comparação através do tempo. A motivação diacrônica, portanto, nos traz que só é possível explicar a representação

ortográfica de determinada palavra caso busquemos sua origem histórica. Por exemplo, a palavra “homem”, apesar de o *h* não representar nenhum fonema da língua portuguesa, só é escrita com *h*, pois a palavra em latim que lhe deu origem era escrita com *h*.

A relação entre fonema e letra nem sempre é algo regular, fazendo com que isso seja a principal causa dos desvios ortográficos que as crianças em séries iniciais cometem. No contexto da aquisição da escrita pelas crianças, surge uma dificuldade relacionada aos conceitos envolvidos. Elas não compreendem, por exemplo, o porquê de nossa escrita ser estruturada da maneira que é. Durante essa fase do desenvolvimento, o que as crianças fazem é associar o princípio do sistema alfabético a um som que pode representar um símbolo, ou seja, ela escreve aquilo que escuta. Então, é só a partir disso que podemos discutir os atributos que estão relacionados à ortografia.

Embora os termos “gráfico” e “ortográfico” estejam relacionados à escrita, eles possuem conceitos distintos: enquanto a grafia diz respeito à maneira como uma palavra é escrita, a ortografia é a norma que rege a maneira correta de escrever as palavras, utilizando as letras e sinais gráficos adequados. A tendência da criança no contexto de aquisição da escrita é, portanto, preservar o sistema gráfico, mesmo que ela esteja contrariando o sistema ortográfico.

As relações que se estabelecem entre o sistema ortográfico e os fonemas são divididas de duas maneiras distintas: as biunívocas (ou transparentes) e as múltiplas (ou opacas). Na relação biunívoca o fonema está sendo representado de uma única maneira gráfica e a sua representação gráfica é a representação de um único fonema. Um exemplo disso é a letra *v*, que representa apenas o fonema /v/, e o fonema /v/, que é representado apenas pela letra *v*.

fonema	grafema	exemplos
/v/	V	v agar, v acina e v entilador
/t/	T	t atu, t ábua e t ampa
/b/	B	b arro, b raço e b ola
/p/	P	p ato, p ente e p luma
/f/	F	f ato, f aro e f azer
/d/	D	d ado, d edo e d ominó

Tabela 1 - relações biunívocas.

As inconsistências entre grafemas e fonemas criam dificuldades que podem acompanhar o aluno durante toda a sua vida escolar. A relação múltipla se qualifica pela representação gráfica ser a representação de diversos outros fonemas ou um fonema ser representado por vários grafemas, por exemplo, o grafema *r* pode representar os fonemas /x/, para “rato”, e /R/, para “prato”, e o fonema /x/ pode ser representado pelos grafemas *r* ou *rr* em “rosa” e “carro”.

grafema	fonema	exemplos
s	/s/ e /z/	salto e casa
c	/k/ e /s/	casaco e macerar

Tabela 2 - relação múltipla onde um grafema representa vários fonemas.

Tabela 3 - relação múltipla onde um fonema é representado por vários grafemas.

fonema	grafema	Exemplos
/s/	ss, sc, sç, xc, s, c, ç e x	assinar, nascer, cresço, exceção, sapo, cena, caça e expiar
/g/	g e gu	gostar e guerra

As crianças, em sua fase inicial de alfabetização, ainda estão em processo de construção da consciência fonológica, ou seja, da capacidade de identificar e manipular os sons da língua. Isso significa que, muitas vezes, elas escrevem as palavras da forma como as pronunciam, mesmo que essa forma não esteja de acordo com a ortografia oficial. Após os exemplos dados nas tabelas 1, 2 e 3, podemos perceber que a questão da aquisição da ortografia é uma tarefa árdua para as crianças em seu processo de alfabetização.

O estudo de X, Y e Z, realizado por Ana Ruth Moresco Miranda, Michelle Reis da Silva e Sabrina Zitzke Medina, dividem erros cometidos pelas crianças em fase inicial de motivação em: erros foneticamente motivados, erros causados pela supergeneralização, erros que causam a alteração do fonema e erros que não causam a alteração do fonema.

Os erros que chamamos de “foneticamente motivados” ocorrem quando a criança tenta reproduzir a fala na escrita, o que resulta em grafias como “*pirigu*” para a palavra “perigo” ou “*istrela*” para a palavra “estrela”. A supressão ou inserção de vogais é algo muito comum também, sendo percebidas na fala de alguns dialetos e repetidas na grafia das crianças, por exemplo, “*peixe*” para “peixe”, “*quejo*” para “queijo”, “*treiz*” para “três” e “*luiz*” para “luz”.

A supergeneralização (ou hipercorreção) é quando há aplicação de uma regra em um contexto que não é pertinente. Podemos exemplificar com a grafia de “flalta”, quando, na verdade, a grafia correta seria “flauta”. Portanto, a criança, por associar o som de “u” em final de sílaba com a letra “l”, está supergeneralizando ao fazer essa troca de maneira errônea.

Os erros que alteram o fonema ocorrem, por exemplo, quando a criança escreve “asim” em vez de “assim”. Nesse caso, a letra “s” está representando o fonema /z/, como na palavra “casar”. Esse tipo de erro acontece porque a criança ainda não compreendeu o uso correto dos dígrafos.

Já os erros que não alteram o fonema, como escrever “sinema” em vez de “cinema”, ocorrem devido à arbitrariedade do sistema de escrita. Não há uma regra específica que explique por que a grafia correta é “cinema” com “c” e não com “s”. Esse

padrão pode ter uma origem histórica, mas, na prática, é considerado uma convenção arbitrária.

As informações sobre os erros mais comuns podem ser fundamentais para orientar práticas pedagógicas e estratégias de ensino, destacando a complexidade da aprendizagem da ortografia. Estratégias de memorização são essenciais para aprender as regras que causam confusão nas crianças ao produzir textos, enquanto atividades guiadas pelo professor que incentivem a prática constante e a aplicação contextualizada dessas regras podem fortalecer a compreensão e o uso correto da ortografia. Atividades lúdicas, como jogos que incentivam a identificação e manipulação de sons, atividades de escrita guiada (ditados dirigidos), exercícios de correção coletiva, uso de recursos visuais, etc., são bons para o engajamento dos alunos e excelentes para transformar o aprendizado mais dinâmico e interessante para eles. Além disso, o uso de materiais didáticos adequados e a formação contínua de professores são fundamentais para garantir uma abordagem que possua eficácia no ensino. Dessa forma, é possível promover um ambiente de aprendizagem mais eficaz e significativo para os alunos.

É necessário que os professores ou até os pais acompanhem a alfabetização da criança para que estejam atentos e ofereçam o suporte necessário para a correção desses erros. Isso porque, se não forem corrigidos a tempo, podem se tornar hábitos e dificultar o aprendizado da criança no futuro.

Em síntese, investir em atividades para o reconhecimento dos processos fonéticos e fonológicos da língua e como eles se associam à ortografia é algo que pode ser implementado nas escolas para as crianças do ensino inicial, promovendo uma base sólida para habilidades linguísticas que serão essenciais ao longo de suas vidas, seja acadêmica, profissional ou pessoal.